



JOSÉ RODRIGUES DA SILVEIRA NETTO

Justificativa da editoração

Às vésperas da edição desta obra biográfica sobre vultos da Academia de Medicina do Pará, constatamos, com um certo constrangimento, a ausência da biografia de um de nossos mais ilustres membros titulares, embora possuíssemos em nossos arquivos dois depoimentos valiosos que já nos deveriam ter valido muito como subsídio para a elaboração de um texto nosso a respeito de tão notável ocupante da Cadeira número 1 de nosso silogeu, o acadêmico José Rodrigues da Silveira Netto, que, portanto, jamais poderia ficar de fora desta coletânea.

Ante, porém, a urgência repentina de encerrar o conteúdo deste primeiro volume, para não perder a oportunidade de lançamento quando dos festejos do centenário da Casa de Camillo Salgado como sede de nossa memorável Faculdade de Medicina e Cirurgia, decidimos valermo-nos da importância dos autores de ambos depoimentos, para assumirem a honra deste relato, preenchendo com absoluta pertinência a lacuna constatada. São eles, o digno Presidente de nossa Academia Paraense de Letras, engenheiro e arquiteto Dr. Alcyr Bóris de Souza Meira, autor do projeto de nossa Cidade Universitária, e o renomado advogado de Belém, Dr. Reynaldo Andrade da Silveira, filho do homenageado. Ambos, assim se manifestaram na sessão solene comemorativa do centenário de nascimento de José Rodrigues da Silveira Netto, em discursos de que aqui reproduzimos os momentos que mais correspondem aos nossos anseios.

Do depoimento de Alcyr Meira

É praxe nesta Academia festejar-se condignamente o centenário de um membro, procedendo-se uma Sessão Solene em que são relatados seus passos pelos caminhos da vida e proclamados seus atributos morais, sociais e intelectuais, revelando sua trajetória de homem público, suas realizações pessoais e, com igual ênfase, sua contribuição a esta casa. Chamei a mim a responsabilidade de orador oficial desta cerimônia, por motivos pessoais, que serão paulatinamente revelados no decorrer desta oração.

Nascido a 6 de outubro de 1916 na cidade de Belém, José Rodrigues da Silveira Netto, foi um paraense ilustre, amante fervoroso de sua cidade, tendo-se recusado a assumir importantes funções públicas fora de Belém, pelo simples fato de não querer ausentar-se de seu torrão natal.

Aprendeu as primeiras letras no Externato São Paulo, administrado pela professora Helena Marcos, transferindo-se depois para o Instituto Nossa Senhora de Nazaré e a seguir para o Colégio Moderno, então dirigido pelo professor Augusto Serra, tendo sempre se distinguido por sua inteligência e amor aos estudos.

Ingressou na Faculdade de Medicina do Pará, dedicando-se com aplicação e denodo aos estudos, concluindo o curso com brilhantismo, o que lhe valeu um estágio nas universidades de Michigan e Minnesota, nos Estados Unidos da América do Norte.

Durante sua vida profícua Silveira Netto desempenhou inúmeros cargos e funções. No âmbito de sua profissão, merece destaque sua atuação como Chefe do Serviço Médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões de Empregados em Transportes e Cargas, além de sua atuação como Neuropsiquiatra da Força Expedicionária Brasileira, com o posto de 2º Tenente Médico da Reserva de 2ª Classe do Exército Brasileiro.

Foi membro de inúmeras Associações regionais e nacionais, das quais destacamos a Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará – da qual foi sócio benemérito, o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, a Sociedade Paraense de Higiene – da qual foi sócio fundador, o Instituto Paraense de História da Medicina, o Instituto Brasileiro da História, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará – que presidiu e do qual foi Sócio Benemérito. Foi, ainda, estagiário da Escola Superior de Guerra, tendo concluído o curso com bastante êxito.

Ingressou no magistério em 1939, na qualidade de Professor Interino de Ciências Físicas e Naturais da Escola Normal do Pará. Em 1940 exerceu o cargo de Adjunto de Clínica Médica de Homens do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará e, no ano seguinte, foi ali admitido como Instrutor

de Ensino de Higiene e Medicina Preventiva, onde permaneceu até 1944. No período de 1944 a 1945 foi promovido a Assistente de Higiene e Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, assumindo, no ano seguinte o cargo de Professor Interino da referida Cadeira. Seu temperamento criativo e dinâmico levou-o a novos caminhos, assumindo na Escola de Enfermagem Magalhães Barata as Cadeiras de Higiene Mental e Psicologia e Psicopatologia, no período de 1947 a 1948.

Dando prosseguimento à sua exitosa carreira no magistério, Silveira Netto assumiu, através de concurso, a Cátedra de Higiene e Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1948.

Foi rotariano, o mais assíduo de todos, pois nunca faltou a uma reunião, tendo exercido com eficiência o honroso posto de Governador do Distrito 449 do Rotary Club Internacional.

Silveira Netto foi ainda um exemplar administrador público, carreira que percorreu moderadamente, acumulando com prudência vitórias sucessivas, galgando degrau-a-degrau a exaustiva escada da notoriedade. Começou essa escalada em 1941, com o cargo de Diretor da Biblioteca da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em que permaneceu até 1950. No ano seguinte foi nomeado Vice-Diretor, cargo que ocupou até 1955, quando assumiu a Direção da Faculdade, demonstrando de imediato o seu elevado tino administrativo ao imprimir reformas importantes na estrutura acadêmica e física da instituição, numa gestão brilhante que se encerrou em 1960.

O ápice de sua carreira de educador e administrador público foi, inegavelmente, sua investidura no cargo de Reitor da Universidade Federal do Pará, órgão que ajudara a criar e ao qual passou a dedicar todos os minutos de sua preciosa existência. Foi empossado no cargo de Reitor em 1960, iniciando um processo de revitalização da instituição, que até então permanecia estagnada, promovendo ampla reestruturação acadêmica e administrativa, tendo como instrumento uma reforma estatutária que definiu nova política educacional, suas normas e diretrizes de pesquisa, além de dar partida a seus projetos de extensão.

O Reitor José Rodrigues da Silveira Netto manteve-se no cargo pelo largo período de oito anos e sete meses, durante o qual a instituição se transformou num órgão dinâmico, referendando seu papel de gerador de recursos humanos de alta qualificação. Dentro deste enfoque vale a pena ressaltar que a partir da sua instituição, mais de sessenta por cento dos administradores públicos regionais nos níveis municipal, estadual e federal eram oriundos dos seus quadros de formatura.

Ao iniciar sua administração, Silveira Netto deixou bem clara sua intenção de robustecer a entidade, cercando-se de pessoas competentes, preparadas e altamente qualificadas. Foram imediatamente estabelecidos

objetivos e metas capazes de respaldar o reforço e a racionalização das atividades de ensino, pesquisa e extensão, os três fundamentos de uma instituição de ensino superior.

De igual modo, foram definidas regras, diretrizes e vetores visando o fortalecimento do corpo docente, indiscutivelmente o suporte da estrutura universitária. Atendidos esses objetivos, voltou-se à meta da universidade, ou seja, o atendimento das necessidades do corpo discente, fulcro existencial da instituição.

Além dos espaços físicos para salas de aula, laboratórios, gabinetes, oficinas, instalações administrativas e recreativas, foram priorizadas as instalações esportivas, complemento essencial à formação dos jovens estudantes.

Dr. Silveira – como costumávamos chamá-lo – foi um grande Reitor! Coadjuvado pela admirável Dona Izolina, sua Chefe de Gabinete, esposa e escudeira, direcionou todas as suas energias para a concretização de um ideal: criar uma instituição de ensino superior moderna, eficiente, integrada aos interesses regionais e que atuasse como dínamo gerador da cultura paraense e, numa escala mais ampla, das potencialidades regionais.

Realizou uma grande obra, marcada pelo seu perfil de homem simples, honrado, decente, aparentemente implacável, mas extremamente humano, justo, cheio de qualidades. Era um bom filho, bom marido, bom pai, bom amigo. Deu à Universidade uma aura de respeito e moralidade, elevando-a ao patamar dos mais expressivos organismos de ensino superior em nosso país. A Universidade Federal do Pará, era, na sua gestão, uma grande família, coesa, cujos servidores amavam a instituição e a ela se dedicavam com afinco.

Foi nessa casa modelar, alicerçada na virtude, no respeito e no afeto, que eu delinee e consolidei meu caráter de homem público e posso afirmar, com convicção e orgulho, que José Rodrigues da Silveira Netto foi para mim não somente um mentor, mas também e principalmente um exemplo a seguir. Nos quase nove anos de convivência, na labuta diária, aprendi a admirá-lo, nascendo entre nós uma amizade que se fortaleceu até os últimos dias de sua profícua existência.

Em sua brilhante administração foram pontuadas ações de suma importância, que possibilitaram aos seus sucessores a consolidação da Universidade Federal do Pará como uma das mais importantes unidades de ensino superior do país.

Passemos a uma rápida listagem dessas realizações:

1. Reforma, ampliação e adaptação das instalações físicas e equipamentos das sete unidades que, agregadas, constituíram a estrutura original da Universidade Federal do Pará:

- 1.1. Faculdade de Direito
 - 1.2. Faculdade de Medicina
 - 1.3. Faculdade de Farmácia
 - 1.4. Faculdade de Odontologia
 - 1.5. Faculdade de Economia
 - 1.6. Faculdade de Engenharia
 - 1.7. Faculdade de Enfermagem;
2. Aquisição do Palacete Augusto Montenegro, onde após ampla reforma, restauração e ampliação foi instalada a Reitoria;
 3. Aquisição de uma edificação contígua ao prédio da Reitoria, onde foi instalado o Departamento de Pessoal;
 4. Criação do Núcleo Pedagógico Integrado – NPI, constituído pela Escola e o Colégio. Destinados às aulas práticas dos alunos do Curso de Letras e ainda proporcionar aos filhos dos funcionários ensino gratuito, de excelente qualidade;
 5. Aquisição do Palacete Rita Bezerra, onde após ampla reforma, restauração e ampliação foi instalada a Escola, integrante do NPI;
 6. Aquisição do Palacete da família Siqueira, onde após ampla reforma, restauração e ampliação foi instalado o Colégio, com idêntica finalidade à da Escola;
 7. Construção do novo prédio do Colégio;
 8. Criação da Imprensa Universitária, equipada com modernas impressoras, possibilitando uma sensível redução de custos na produção de impressos, além de viabilizar e agilizar a publicação de trabalhos científicos e importantes obras literárias;
 9. Decisão de projetar e construir o Campus Universitário;
 10. Aquisição por doação de um terreno às margens do Rio Guamá, cedido pelo Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Norte, com área de duzentos hectares;
 11. Aquisição por desapropriação de sete terrenos contíguos ao descrito no item anterior, totalizando quatrocentos e cinquenta hectares;
 12. Criação da Comissão do Planejamento do Campus Universitário – COPLANCU, imediatamente instalada no terreno do futuro campus;
 13. Formulação do projeto do Campus Universitário Pioneiro;
 14. Aterro hidráulico do terreno;
 15. Inauguração do Campus Universitário Pioneiro, em 13 de agosto de 1968, pelo então Presidente da República, Marechal Arthur da Costa e Silva, que se fez acompanhar de todos os seus ministros. O orador oficial da cerimônia foi o autor deste depoimento;
 16. Criação de novos cursos:

- 16.1. Arquitetura
- 16.2. Geologia
- 16.3. Biblioteconomia
- 16.4. Teatro
- 16.5. Centro de Atividades Musicais
- 17. Incorporação dos seguintes cursos:
 - 17.1. Serviço Social
 - 17.2. Química Industrial
- 18. Dinamização do Instituto de Higiene e Medicina Preventiva, reforçando sua condição de Centro de Pesquisa;
- 19. Criação dos seguintes órgãos complementares:
 - 19.1 Farmácia Escola
 - 19.2 Clínica Odontológica
- 20. Criação do I Salão de Arte da Amazônia (Bienal)
- 21. Realização do II Salão de Arte da Amazônia (Bienal)
- 22. Criação da Editora da Universidade Federal do Pará em abril de 1969.

Dois meses depois, em junho de 1969, encerrava-se a exitosa gestão de José Rodrigues da Silveira Netto, após oito anos e meio de importantes realizações.

Foi então nomeado Agente Cultural do Brasil na Bolívia, do que declinou em virtude de sua convicção já mencionada no início deste pronunciamento, "de jamais se afastar de seu torrão natal".

Em 8 de abril de 1988 recebeu das mãos do Reitor José Seixas Lourenço o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Pará. E, em 28 de dezembro de 2007, o território universitário passou a ser oficialmente designado Cidade Universitária José Rodrigues da Silveira Netto, num evento solene, pleno de emoções, presidido pelo Reitor Alex Fiuza de Mello.

Do depoimento de Reynaldo Silveira

Fui honrado por minha família, aqui presente, com a escolha para fazer o agradecimento à ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS, nessa homenagem que é feita ao nosso pai, JOSÉ RODRIGUES DA SILVEIRA NETTO, que completaria a 6 de outubro deste ano de 2016, se vivo fosse, cem anos de idade.

A efeméride, sem dúvida, tem uma face festiva ao se ter a oportunidade de vivenciar a comemoração da vida e parte da obra de um paraense, católico praticante, falecido há 18 anos, em 16 de junho de 1998.

Todavia, tem um lado algo doloroso, ao provocar a lembrança de quem até hoje, apesar do tempo, tanta falta nos faz, por suas opiniões, conselhos, companhia e exemplos.

Nascido em Belém, em 6 de outubro de 1916, nosso pai é filho de Olympio Cardoso da Silveira e Violante Alvarez da Silveira. Ele, médico sergipano, que veio para o Norte combater as doenças da selva amazônica, notadamente a malária. Ela, amazonense, do lar, dedicada à criação dos filhos e zelar pela família. Do matrimônio, resultaram apenas dois filhos homens: José e Olympio Filho. Ambos, médicos. O primeiro estabeleceu-se em Belém, prestou serviços como médico ao IAPETEC e se dedicou à Faculdade de Medicina e Cirurgia, fundada no início do século XX, com a colaboração de seu pai Olympio. Casou-se em 11 de junho de 1949 com Izolina Andrade da Silveira, nossa mãe, disso resultando um casal de filhos: Helena, aqui presente, e eu mesmo. Olympio Filho radicou-se no Rio de Janeiro, tendo falecido no longínquo 1971. Também se casou e teve três filhas.

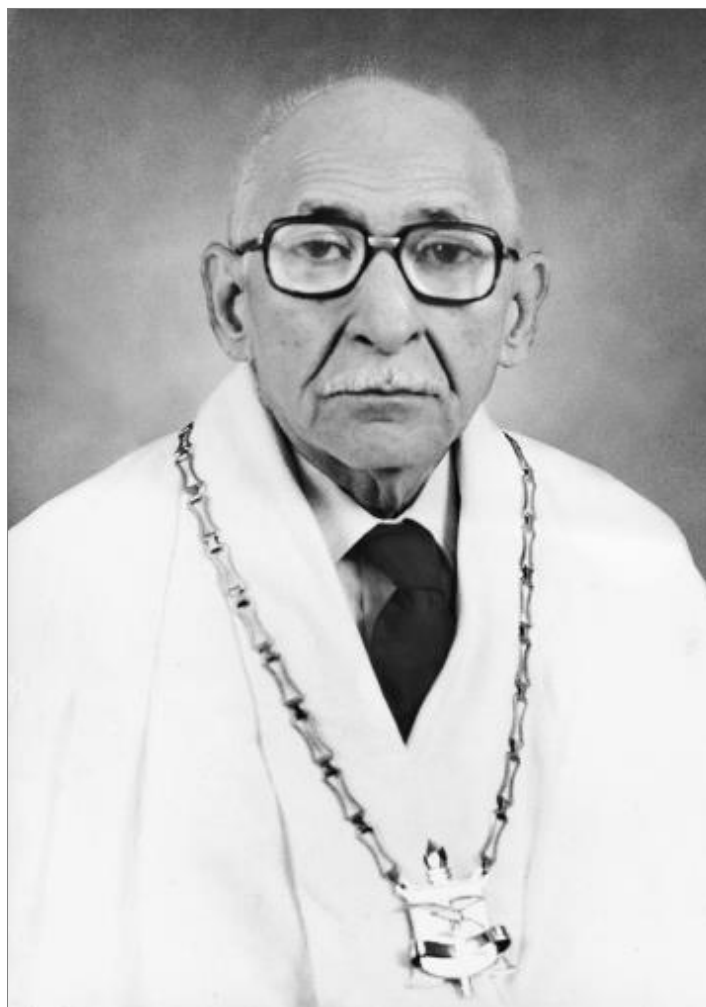
Após ter exercido a função de professor e em seguida de Diretor da Faculdade de Medicina do Pará por alguns anos, nosso pai demorou-se um ano no Estado de Minnesota, nos Estados Unidos da América, fazendo cursos voltados para a criação de uma universidade no Pará. Ao retornar, contatou seu compadre, o então deputado federal Epílogo Gonçalves de Campos, para que junto ao Congresso Nacional apresentasse um projeto de lei criando a instituição.

Êxito obtido, candidatou-se a exercer o múnus, sendo preterido pela política de então. Com a renúncia do cargo pelo Reitor indicado, nosso pai foi nomeado pelo Presidente da República em dezembro de 1960 para exercê-lo.

De dezembro de 1960 até julho de 1969, época conturbada no Brasil no plano político, social, econômico e financeiro, com inaudita determinação a Universidade Federal do Pará floresceu com: i) a unificação do conceito de universidade, finalizando os cursos livres até então existentes; ii) a criação de inúmeros cursos superiores novos, abrindo um leque considerável de novas profissões para os estudantes; iii) a criação da escola primária e do ginásio da UFPA, com um regime próprio de ensino e funcionamento; iv) a escola de teatro, que disseminou a cultura, especialmente na arte e na música; v) e a joia da coroa, o Núcleo Pioneiro do Guamá, hoje Cidade Universitária que leva seu nome, inaugurado em 13 de agosto de 1968, com a presença do Chefe do Poder Executivo Federal.

Se o período como Reitor da UFPA foi pródigo em realizações, o tempo era de convulsão, que acabou por refletir na sua administração e pessoalmente, porquanto, alguns estrábicos o viam como um preposto das

autoridades políticas da república de então. Sua atuação, porém, não teve conexão com os titulares do poder então vigente. Seu objetivo, além de criar uma universidade no Norte do país, era a educação dos jovens.



Após julho de 1969, nosso pai se afastou das funções públicas, passando a viver de sua aposentadoria como funcionário público, e fazendo, basicamente, o que mais gostava de fazer: comprar livros e ler.

Homem singular: jamais adquiriu um automóvel ou mesmo sabia conduzi-lo. De disciplina férrea, andava à pé para todos os cantos da cidade de paletó e gravata (acompanhava inclusive o Círio, assim vestido), armado de seu indefectível guarda-chuva, e quando se lhe oferecia uma carona, respondia que tinha pernas. Não utilizava máquinas de calcular, fazendo sempre suas contas à mão. Recolhia-se por volta das 21 horas e acordava muito cedo; tomava banho frio às 4 horas da manhã; fazia seu desjejum às 6 horas, ocasião em que lia livros, aguardando os jornais do dia e escrevia. Saía às 7 horas, pontualmente.

Não se deveria convidá-lo determinando horário certo, pois ele cumpriria rigorosamente a hora previamente indicada. Era um verdadeiro "escravo" das horas. Raríssimas vezes ia ao cinema, e ainda assim para me acompanhar, escutava músicas clássicas, da TV se limitava a ver e ouvir o Jornal Nacional.

Durante toda sua vida de casado com nossa mãe Izolina, teve sempre o mesmo endereço residencial: Tv. Quintino Bocaiúva, 1226, onde minha mãe, Helena e eu sempre residimos. Não acumulou fortuna de qualquer espécie nos seus quase 82 anos de vida. Eu mesmo, somente deixei a Quintino quando casei em março de 1978 com a Cláudia, minha eterna mulher, que me deu quatro filhos: Daniel, Filipe, Marcelo e Alexandre que bem conheceram aquele sujeito a quem chamavam de Vô Zeca. Hoje, três de meus filhos já nos deram três netos (Victória, Fernanda e Heitor), já entre nós, e, dois a caminho: Betina e Antonio. O quarto filho tem me prometido, mas, ainda não se dignou a cumprir sua promessa de contribuir com mais uns cinco Silveiras (novembro de 2016).

Um homem de hábitos espartanos.

Até ser abatido pela doença que o levou ao óbito, em casa não havia um único aparelho de ar condicionado. De comportamento morigerado, não tinha nenhum vício. Aos domingos ingeríamos quatro latas de cerveja, sendo que ele assumia metade de uma taça e eu me responsabilizava pelo restante.

Esse cidadão de comportamento tão trivial foi, entretanto, determinante para a Educação no Pará e do Norte do Brasil. Não somente, pela UFPA e sua variedade de cursos, que foram sendo acrescidos, como fisicamente. Para citar apenas um exemplo de plena democracia: a Escola Primária e Ginásio, onde os filhos dos doutores partilhavam tudo com todos dos demais funcionários, sem qualquer distinção social; turno integral, de segunda a sábado de manhã, à exceção das quartas-feiras, quando não se tinha aula à tarde. A merenda (hoje denominada lanche no politicamente correto), era gratuita, assim como o transporte por ônibus da UFPA para os alunos; dois jogos de fardas anuais para meninos e meninas. O que se não ofertava eram as meias, desconhecendo eu a razão disso. Por evidente, não era cobrada qualquer mensalidade ou anuidade, a despeito do ensino ser da melhor qualidade e o quadro de professores de excelência comprovada.

De imaginar hoje, uma universidade sem o espaço físico que detém a nossa. Comparem-se nossas instalações com dezenas ou centenas de universidades espalhadas pelo Brasil. Observe-se com atenção a beleza do espaço que ocupamos às margens do rio Guamá. A possibilidade efetiva de expansão que essa escolha gerou, a ponto de hoje ser uma verdadeira cidade, dentro de outra cidade.

Senhores acadêmicos, muito nos honra esta homenagem prestada ao nosso pai. Isso nos aguça a admiração por esse silogeu e reforça a ideia de ser a Academia Paraense de Letras uma "ilha de conforto" neste conturbado ambiente de Lava Jato, movimentos sociais intransigentes, de combate entre irmãos, de violência infinita e banalizada, e até desesperança de um futuro melhor.

No final do ano passado, pensei uma maneira de comemorar o centenário de nascimento de nosso pai, e decidi, em consenso com Helena, mencioná-lo todos os domingos nas missas que ele frequentava da Capela de Lourdes, em intenção por sua alma, o que deveria perdurar ao longo de todo o ano de 2016, como efetivamente acontece. Nossa homenagem ao querido pai é, no entanto, absolutamente particular. Homenagem quase tímida, bem diversa da que ocorre nesta sessão solene.

Senhores: o discurso moderno, não comporta mais erudições e divagações etéreas. O mundo cibernético, das redes sociais e da comunicação instantânea exige brevidade, clareza e concisão no pensamento e na fala. É hora de concluir esta oração.

Meu amigo – meu melhor amigo – já partiu e com isso estou resignado, pois não podemos contrariar os desígnios de Deus. Mas, felizmente, os exemplos de probidade com a coisa pública e particular, a disciplina de viver e de fazer o bem, ele deixou aos pósteros. Coisa para ser refletida e imitada.

Encerro com Vinicius (de Moraes), o eterno poetinha, quando canta:

Meu pai, dá-me os teus velhos sapatos manchados de terra.
Dá-me o teu antigo paletó sujo de ventos e de chuvas.
Dá-me o imemorial chapéu com que cobrias tua paciência.
E os misteriosos papéis em que teus versos inscreveste.

Por tudo isso, Senhores Acadêmicos, meu e nosso agradecimento sincero à APL por registrar em sessão solene o evento de sua passagem terrena. Muito obrigado.

Adendo da editoração

Quando da fundação da Academia de Medicina do Pará, seus organizadores elegeram, com a mais justa das razões, o nome do Professor Olympio da Silveira para Patrono da Cadeira de número 1 e, para seu primeiro ocupante, o de seu filho José Rodrigues da Silveira Netto.



JOSÉ RODRIGUES DA SILVEIRA NETTO



Cadeira nº 1 – Primeiro ocupante

Após o falecimento deste, foi ele substituído na Cadeira pelo acadêmico João Paulo Mendes Filho, seu atual ocupante.

